

O USO DA PEDAGOGIA PALHACESCA EM SALA DE AULA

THE USE OF CLOWN PEDAGOGY IN THE CLASSROOM

Felipe Gustavo S. Silva¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar o tema da palhaçaria como recurso metodológico a ser utilizado pelo professor em sala de aula no ensino regular. O ponto de partida para este estudo foram as conclusões do nosso relatório de Estágio Supervisionado em Educação infantil, onde tivemos oportunidade de aplicar a metodologia palhacesca em sala de aula e propomos continuar a pesquisa e aprofundar a prática. Para isso, tratamos de fazer uma revisão bibliográfica do tema a fim de melhor compreender alguns dos elementos que norteiam a prática palhacesca na escola no ensino regular e caracterizar o perfil palhacesco a partir do riso, da iniciação palhacesca e do brincar, que conforme será mostrado, devem configurar a prática do professor-palhaço em sala. A partir dos dados obtidos e fundamentados com o conteúdo relatado no estágio, buscamos demonstrar como, de fato, a palhaçaria revela-se como uma excelente alternativa metodológica para o professor lidar com o desafio cotidiano da sala de aula.

Palavras-chave: Palhaçaria. Pedagogia. Riso.

ABSTRACT

The present work aims to present the theme of clowning as a methodological resource to be used by the teacher in the classroom in regular education. The starting point for this study were the conclusions of our Supervised Internship in Early Childhood Education report, where we had the opportunity to apply the clown methodology in the classroom and we propose to continue and deepen the practice. For this, we tried to carry out a literature review of the theme in order to better understand some of the elements that guide clowning practice at school in regular education and to characterize the clown profile from laughter, clown initiation and play, which as will be shown, must configure the practice of the clown teacher in the classroom. From the data obtained and based on the content reported in the internship, we seek to demonstrate how, in fact, clowning is an excellent methodological alternative for the teacher to deal with the daily challenge of the classroom.

Keywords: Clowns. Pedagogy. Laughter.

INTRODUÇÃO

Palmas, palmas! O Palhaço chegou...

Nossa pesquisa partiu do planejamento do nosso estágio na educação infantil e das inquietações promovidas pelo planejamento das atividades de intervenção – aulas – e da

¹ Doutor em Filosofia (UFPE). Professor titular da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). E-mail: felipegustavopx@hotmail.com

escrita do relatório de estágio. Por isso, desenvolvemos uma investigação bibliográfica com pesquisa feita em fontes documentais: artigos, livros, teses, dissertações, artigos ou outra produção científica impressa e *on-line*.

A partir dos estudos de Wuo (2019), que falam da iniciação à palhaçaria, tratamos de verificar como outros autores incorporam a prática palhacesca na sala de aula. Na maioria dos estudos, encontramos referências voltadas para a prática palhacesca nas artes e na educação física. Poucos trabalhos fazem referência à palhaçaria como recurso metodológico, portanto, a nossa atividade de estágio aliada ao relatório trouxe importantes reflexões para a escrita deste estudo.

No uso da palhaçaria, mais que vestir-se de palhaço, a proposta do educador é conduzir o conteúdo de maneira leve e descontraída, ao mesmo tempo em que promove a interação dos alunos. Quando pensamos em palhaço, normalmente nos vem à cabeça circos, picadeiros, atividades artísticas realizadas em escolas no ensino infantil ou em festas infantis, em que alguns atores utilizam uma vestimenta folgada e colorida, sapatos alongados e um enorme nariz vermelho, a fim de animar a festa e receber os convidados. De fato, temos aí uma diversidade de situações em que o palhaço aparece como um ator ou uma figura protagonista da alegria, do encantamento, da diversão e, sobretudo, da brincadeira. Esse é o modo, talvez, mais comum de palhaço no cotidiano. Porém, a pedagogia palhacesca pode ser explorada de maneira diferente, superando os rótulos que normalmente são atribuídos à figura do palhaço.

Enquanto a maioria das pessoas pensam no palhaço apenas em espaços regulares como os ditos acima, a nossa perspectiva é pensar não apenas o palhaço, mas a palhaçaria, como uma arte na escola, que facilite não apenas a vivência de conteúdo, mas uma vivência atrelada a fatores socioemocionais que integrem uma proposta educativa ampla e centrada no desenvolvimento de competências e habilidades para além de mera assimilação de conteúdo.

Ainda que a origem do palhaço seja um tanto incerta, há uma tradicional interpretação de que ele tenha surgido ou junto ao surgimento do circo ou, em uma tese mais detalhada, na Idade Média, quando algumas pessoas tinham o ofício de bobo da corte, que tinha como função animar e entreter o rei. Esse tipo específico de palhaço, também chamado bufão, era o sujeito que tinha a “permissão” para rir de tudo, inclusive, do próprio rei. Essa postulada permissão aponta para o caráter transgressor, em sentido positivo, do palhaço como aquele que ocupa uma posição de destaque e de privilégio por poder falar a verdade, denunciar as falsas posturas e, a partir do seu ridículo, evidenciar o ridículo alheio. É esse local de privilégio que faz com que muitas pessoas menosprezem a figura do palhaço. Ele incomoda, é

transparente e revelador daquilo que normalmente as pessoas escondem. Em contrapartida, não podemos esquecer que há pessoas que têm medo de palhaço. Há quem diga que esse medo se funda na essência do palhaço, na possibilidade de exposição a que ele submete o seu telespectador ou interlocutor, enfim, ao rir, falar a verdade inesperada e brincar com aquilo que algumas pessoas certamente não queiram brincar. Bem quanto a esses aspectos psicológicos do palhaço, deixemo-los para poder direcionar nosso estudo para o aspecto pedagógico. Para além dessa perspectiva psicológica-moral, no campo pedagógico, o palhaço é sinônimo de leveza, brincadeira e festa, mas em poucos casos também é levado a sério como se o cômico fosse desprezível, sem valor, desconsiderando todo o potencial pedagógico que essa arte é capaz de desenvolver.

A palhaçaria, enquanto uma prática e vivência, ainda é um tanto limitada e aparece de maneira bastante discreta nas salas de aulas, enquanto estratégia ou recurso. O que a literatura nos mostra é que, na maioria dos casos, há aplicações da palhaçaria nas matérias de Artes e ou Educação Física. O nosso desafio é fazer uma reflexão sobre como a palhaçaria precisa ser enxergada como uma técnica metodológica que pode ser útil para além desses campos, sendo aplicada nas mais diversas matérias e segmentos do ensino. Mais que uma simples fantasia, o professor precisa vestir-se da técnica e utilizá-la em sala de aula a ponto que a fantasia se torne um mero detalhe. Mas a técnica não se volta apenas para o professor, ela se reproduz na interação do aluno, quando ele compreende o que é ser palhaço, não conceitualmente, mas emocionalmente. Para isso, a palhaçaria tem que se transformar em vivência diária.

Para isso que isso aconteça, é necessário compreender alguns aspectos do palhaço que podem se relacionar com a sala de aula, seja por atitudes do professor, seja por atitudes do aluno. Não se trata de ensinar ao aluno a ser um palhaço. Tampouco o professor deve ser um personagem. Nosso objetivo é defender e investigar como a prática pode fazer parte da sala de aula como um recurso metodológico, que encaminhe e viabilize a vivência de conteúdos para que possam promover uma educação que resgate os alunos de seus exílios emocionais e encaminhe uma educação inteligente que priorize ver a escola com bons olhos, local de interação, de crescimento, de troca e, sobretudo, de educação emocional e desenvolvimento de habilidades que, em moldes diversos, talvez não seriam possíveis ou, de alguma maneira, se negligenciados, não seriam desenvolvidos.

Aqui não propomos uma garantia, mas uma alternativa para encarar os desafios da sala de aula, promover inclusão e fazer da escola um lugar de paz, brincadeiras e muito aprendizado. Para isso, propomos mostrar como pode ser possível fazer do riso um elemento constante do processo ensino-aprendizagem, trazendo a palhaçaria para flexibilizar conceitos

mais densos da sala de aula, representando uma maneira sadia e uma forma diferente de viver esse espaço. Apesar de as reflexões contidas neste trabalho estarem ligadas ao nosso estágio curricular na educação infantil, propomos pensar a palhaçaria na escola como um todo, enquanto prática e como recurso do professor, pois, como demonstraremos, a metodologia palhacesca deve ser uma prática da vida do professor e pode ser utilizada em qualquer segmento, porque promove práticas e atitudes que deveriam compor, como veremos, a prática docente de um bom professor.

A PALHAÇARIA NA ESCOLA

Cumpramos destacar, a princípio, que o tema da palhaçaria não é um conteúdo curricular, todavia, cada vez mais a literatura tem registrado estudos, iniciações palhacescas e relatos de experiências que confirmam que o uso da palhaçaria tem se tornado uma constante prática exitosa. Alguns manuais ou livros didáticos, sobretudo do ensino infantil e dos anos iniciais, usam o palhaço como ilustração para atividades de recortar e colar ou pinturas; já os livros do ensino fundamental do 6º ao 9º ano trazem atividades sobre o dia do circo, o circo na escola etc. Alguns professores, certamente no nível infantil, já colocaram como conteúdo curricular os tipos de palhaço, algumas configurações e diferenças. Ademais, alguns aspectos da atividade circense são utilizados na educação física, como demonstrado por Zaim-de-melo *et al.* (2020).

De maneira bastante relevante, Rocha (2015) relata um estudo realizado em uma creche em Florianópolis que promovia ações de promoção da palhaçaria no ensino infantil, questionando de que maneira o professor pode transformar-se em palhaço, além de outras questões voltadas para o entendimento e reconhecimento do palhaço na escola. Chama-nos atenção nesse trabalho, quando ele destaca a utilização das fantasias dos palhaços “Patati e Patatá”: defende o autor que a utilização desses personagens, já conhecidos pelas crianças, facilitou bastante o processo de interação. Esse foi um caso clássico de uso da palhaçaria como recurso, todavia, ainda não é essa a perspectiva palhacesca que propomos nem tampouco utilizamos. Apesar de toda a relevância da ação de Rocha (2015), propomos um maior distanciamento das fantasias “famosas”, em vista de uma autodescoberta da própria imagem palhacesca, por isso falamos em iniciação.

Para isso, é importante destacar que o tipo ou modelo palhacesco que deveria predominar nas salas de aula é o *clown*. Traduzindo esse termo, encontramos a palavra palhaço, todavia, os estudos têm mostrado como o tipo *clown* de palhaço é o mais autêntico e

que mais brota de um autoconhecimento. Pelo que vemos no Brasil, especialmente em teatros, hospitais e atividades artísticas (em salas de aulas), o *clown* é uma forma sutil do palhaço que mais evidencia uma condição social de liberdade, ingenuidade, desprendimento, mas, sobretudo, autenticidade. O *clown*, portanto, é autêntico, mais que um personagem, é uma descoberta que se expõe e se manifesta. Por isso, a palhaçaria em sala, tal qual incorporamos e cujo uso defendemos, preza para o fato de que cada professor, individualmente, deveria fazer a descoberta do si mesmo como *clown* e usar essa descoberta a partir de uma maquiagem, fantasia e performance autoral e individual.²

Outrossim, alguns estudos acadêmicos já publicados demonstram como as atividades palhacescas na escola são concebidas como ferramentas úteis ao ensino. Veja-se, por exemplo, o estudo de Vendruscolo (2009), que analisa a inserção de atividades circenses na sala de aula; Souza (2012), que demonstra experiências circenses realizadas com alunos de uma escola de rede pública municipal e Carvalho Ferreira e Wuo (2017) que demonstram como a inserção da figura palhacesca na escola potencializa o ambiente a quebrar paradigmas e proporcionar uma educação diferenciada, pautada no riso e na desconstrução de um modelo cartesiano tradicionalista de ensino-aprendizagem.

Para que possamos pensar a palhaçaria como recurso metodológico em sala de aula, é preciso entendê-la em sua essência e alguns de seus aspectos mais importantes como o riso, fruto direto dessa arte, mas que, também, a compõe a iniciação, porque não se trata de atuar como personagem, mas de ser autêntico como aquele que se descobriu como educador e percebe seus limites e suas possibilidades e, por fim, a execução da pedagogia palhacesca como recurso propriamente dito, que não se trata apenas de uma simples utilização, mas do entendimento da eficácia dessa prática dentro do planejamento pedagógico.

O RISO COMO ELEMENTO INTEGRADOR

Considerando o pressuposto defendido pelo filósofo Bergson (2020) de que o riso é um fato de integração humana, ademais, é também resultado unicamente da ação e imaginação humana, podemos pensar que é perfeitamente possível estimular e utilizar o riso como elemento integrador que se derive da imaginação do professor, ao planejar e executar a

² Dentre as mais significativas regras das mais básicas iniciações palhacescas, o “não buscar ser engraçado” é algo primordial. O *clown* é autêntico e age autenticamente fazendo, dizendo, incorporando aquilo que ele não faria ou não diria, caso não tivesse descoberto e incorporado o *clown*. Sendo assim, o professor não irá utilizar a palhaçaria para ser engraçado. Isso já é natural e consequência da ação.

aula, bem como da participação e interação do aluno, ao participar ativamente das atividades propostas pelo professor em sala de aula. Se admitirmos que o ser humano é tipicamente e unicamente aquele ser da natureza que ri e, mais que isso, que é só dele, que se pode fazer risível (BERGSON, 2020), é possível, então, admitir que o riso é uma característica intimamente humana e que torna, portanto, possível a humanização na educação. Não se trata aqui de uma risada à toa, ou de desenhos animados cômicos ou, muito menos, em rir do colega, mas rir do processo de aprendizado.

Segundo Ferreira e Wuo, a pedagogia palhacesca precisa ser vista como alternativa urgente frente

à escola básica, tradicional, disciplinadora, repleta de reminiscências “militarescas” e, por vezes, caracterizada por um depósito de pessoas, permanece estruturada na fragmentação dos espaços de convivência social, na separação seriada por idade e na importância de um aprisionamento disciplinar por meio do controle coercitivo na sociedade (2017, p. 89).

Cumprido destacar que o riso, em outras palavras, pode diminuir o abismo entre professor e aluno, estreitando as relações e promovendo interações com uma leveza e comichão que caracterizam intimamente o agir humano. Desse modo, pode-se pensar que

para além de denunciar, o palhaço cria possibilidades, forja novos caminhos. Os estados de palhaço e os estados de professores cruzam-se, dialogam, complementam-se, brigam, quiçá constituindo o que possamos então chamar de estados de professor-palhaço. O professor ri dele mesmo, ao menos pode rir. Pode explorar, sem tantos medos ou convenções, suas dimensões afetiva, lúdica, erótica, corporal enfim. A criança pode rir do professor, rir de si mesma... Ser palhaça! (ROCHA, 2014, p. 89).

O riso pode provocar, como expressão da interação, a fala destemida da verdade.³ Muitas vezes, nossos alunos, sobretudo no ensino infantil, sentem certa timidez em falar ou em lidar com o erro após uma fala. A famosa frase “quem sabe levanta a mão” é uma “faca de dois gumes” em sala de aula: possibilita a participação, mas pode expor o que se apresenta, fazendo dele motivo de risada dos demais colegas. Parece-nos inevitável o riso, ainda que o professor deva conter a sala. Todavia, o aspecto em que a palhaçaria pode favorecer é justamente o aluno que, porventura, tenha errado, mas que percebe que o erro faz parte do aprendizado tanto quanto o acerto, e isso pode ser percebido pelo próprio professor que,

³ Alguns aspectos psicológicos, morais e filosóficos do riso podem ser encontrados no seguinte estudo, que também motiva nossa prática no estágio e alguns estudos posteriores: DE LA TAILLE, Y. **Humor e tristeza: o direito de rir**. Campinas (SP): Papirus Editora, 2014.

fazendo uso de técnicas palhacescas, também erra, cai, mas está sempre alegre e disposto a aprender.

Em nosso estágio curricular, a proposta de intervenção foi bastante permeada por elementos próprios da arte palhacesca. Como propusemos uma aula de geografia, apesar da importância do tema para o currículo do aluno, o nervosismo dos primeiros contatos com o ensino infantil foi “diminuído” pelo uso de técnicas palhacescas. Por diversas vezes, o professor perguntava ao aluno se estava certo, e a risada “temperava” a resposta negativa do aluno.

Há de se perceber que o professor deve usar a palhaçaria como recurso, ou seja, não apenas se fantasiar de palhaço nem tampouco fantasiar os alunos, isso é possível, mas não é essencial, o mais importante é fazer uso das técnicas, que não são necessariamente aprendidas em circo, mas no nosso próprio cotidiano, a partir de uma iniciação à arte palhacesca à qual o docente ou futuro docente pode se submeter.

A INICIAÇÃO PALHACESCA: uma proposta e uma necessidade

Não é tão comum encontrarmos escolas palhacescas que ensinem tais práticas. Isso ainda é uma lacuna que precisa ser pensada e problematizada. Chega a ser comum vermos professores usando vestes palhacescas em eventos escolares, comemorações do dia do circo e atividades artísticas diversas, no entanto, a proposta aqui é um pouco mais ampla. Trata-se de um processo metodológico que brota de uma descoberta e uma identificação. Podemos dizer que aqui defendemos que o professor descubra a si mesmo como palhaço, olhando para si, enxergando sua potencialidade em ser o que realmente o palhaço representa, em sua essência, como diz Lecoc (1987), é uma profissão de fé, uma tomada de posição perante a sociedade, um estado de aceitação, é mostrar-se tal como realmente é.

Cada vez mais tem-se discutido uma educação libertária e que possibilite ao aluno superar sua condição social, interagir, propor, ativamente participar do processo pedagógico. Mas em que termos a formação do professor é também pensada nesses moldes? Até que ponto o professor, ele mesmo está livre das correntes que o aprisionam a um tradicionalismo engessado, rígido e que mascara, por vezes, um certo exílio socioemocional?

As escolas de iniciação palhacesca se dão, geralmente, nos cursos de teatro e artes diversas. Veja-se, por exemplo, o curso de Ana Elvira Wuo, detalhado no livro “*Aprendiz de clown. Abordagem processológica para iniciação à comicidade*” (2019). De maneira geral, o palhaço parece ser pensado mais como personagem do que como prática autêntica. Quando,

oportunamente, o docente se permite entender a figura do palhaço, possivelmente pode repensar todo esse engessamento didático.

Há de considerarmos que os pedagogos, de maneira mais específica, são exceções quando o assunto é a criatividade e a reinvenção, todavia, a palhaçaria, como já falamos, mais que uma fantasia, deve ser um revelar-se, ou seja, deve brotar de um processo de autoconhecimento e posterior autoaceitação, justamente por explorar aquilo que mais cômico ele tem a serviço da própria profissão. O iniciado à palhaçaria encarna o palhaço a tal ponto que máscaras e fantasias são desnecessárias: ele é um palhaço o tempo todo. Para que o docente ou futuro docente atinja esse nível, basicamente, precisa compreender três características essenciais do processo iniciatório à palhaçaria: o descobrir-se, o aceitar-se, o brincar.

A descoberta de si é uma tarefa árdua, talvez leve toda a vida ou carreira. O bom seria que, de fato, fosse iniciado já na graduação e praticado nos estágios curriculares e iniciações à docência. Todavia, na docência, o professor percebe, por vezes, algumas limitações no trato com a sala de aula. Percebe como situações de maior ou menor tensão favorecem ou desfavorecem a sua prática pedagógica. Quando descobertos esses pontos, certamente ele os evita ou procura ajuda, caso contrário, tem que lidar com as consequências disso.

Agora pensemos, o que faria um palhaço que não sabe dançar, mas precisa participar de uma atividade de dança com seus alunos? Certamente dançaria o mais que pudesse e levaria outros a dançar com ele. Noutras palavras, não sofreria com isso. Isso só é possível pela aceitação de si. Para tanto, é necessário compreender que

o palhaço é aquele que está deslocado do seu eixo, fora do centro, que assume seu ridículo. Porém, desse lugar consegue apontar que quem está no centro e no eixo, dentro dos padrões, se encontra mais ridículo do que ele próprio, principalmente, por não se perceber e não se aceitar ridículo (SILVA, 2016, p. 125).

O palhaço é, ainda, aquele que normalmente expõe o que todo mundo esconderia. Não se trata aqui de perda de intimidade, mas de revelação ou libertação daquilo que possivelmente faria o sujeito sofrer emocionalmente. Por exemplo, um palhaço acima do peso ou bem magrinho, certamente, usará roupas que enfatizem seu corpo, a fim de realçar seu perfil estético. Que exemplo daria um professor que pudesse mostrar o amor que tem a seu corpo para aqueles que, eventualmente, sofrem por não fazerem parte de um “modelo estético” social e até mesmo sofrem *bullying* na escola?

Por fim, o brincar deve ser uma constante do professor. O professor apto para usar o recurso palhacesco deve gostar de brincar e, se possível, brincar o tempo todo. O brincar deve ser resgatado como recurso importante para composição das práticas pedagógicas a serem levadas para sala de aula.

É necessário perceber que uma pedagogia palhacesca deve preparar o professor para qualidades que devem compor a indispensável essência de um bom professor: bom humor, flexibilidade, paciência, empatia, alteridade, altruísmo e, sobretudo, humildade. A palhaçaria ensina a ser humilde e, nessa humildade, encontrar a sua essência humana frágil, falha, mas humanizada e humanizante. Dizemos ser a palhaçaria uma necessidade formativa para o professor porque, como defende Adorno, os professores

não deveriam reprimir seus afetos para, depois, apesar de tudo, deixá-los brotar racionalizados, sem reconhecê-los diante de si e dos demais. [...] Provavelmente seja mais convincente que um professor diga: 'Está bem, sou injusto, sou gente que nem vocês, algumas coisas me agradam e outras não,' do que outro que se aferre ideologicamente com vigor à justiça, mas logo, sem poder remediá-lo, cometa a injustiça que havia reprimido (1995, p. 99).

A PALHAÇARIA COMO RECURSO METODOLÓGICO

Por recurso metodológico, podemos entender os encaminhamentos ou meios para atingir um objetivo planejado ou facilitar a estratégia didática adotada pelo professor, a fim de atingir um objetivo no processo de ensino-aprendizagem. Através de um conjunto de métodos, o educador pode, da melhor maneira, transmitir conteúdos, usando as habilidades que possui para instigar o aluno e despertar-lhe o desejo de saber. A aula deve ser compreendida como um espaço de orientação, de estímulo, de assimilação e de desenvolvimento de habilidades. É, portanto, papel do professor planejar o processo de ensino e a aula de maneira interativa, antes, durante e após o processo (VASCONCELLOS, 2010), de modo a ver a maneira de transmitir conteúdos e facilitar o processo de ensino-aprendizagem, estimulando a curiosidade dos alunos e, sobretudo a participação deles na construção do conhecimento. Todavia, a realidade das nossas salas de aulas evidencia, cada vez mais, as dificuldades socioculturais dos alunos e sua prisão no exílio do medo do erro, da exposição, da participação ativa. Apesar dos avançados estudos sobre metodologias ativas, as salas de aula, em muitos locais do mundo, ainda são envolvidas num tradicionalismo que até tem seu valor, mas que deve considerar também os novos desafios e os aspectos socioemocionais da educação que, se desprezados, apenas limitam o aluno a, cada vez mais

refugiar-se num exílio socioemocional, criar menos e copiar mais. É necessário, diante desse cenário, que os profissionais da educação sejam formados e iniciados em metodologias que possibilitem a reversão desse cenário.

Um elemento essencial da metodologia palhacesca é o brincar. Historicamente, o brincar já era utilizado como estratégia de ensino (WAJSKOP, 2007), todavia, ao longo da história, foi se construindo a separação do brincar e do trabalho e, por vezes, é visto como sinônimo de desprezo aquilo que é sério. Já bem sabemos que alguns teóricos defendem as contribuições do brincar para o desenvolvimento da criança, como, por exemplo, o estudo de Winnicott, *O brincar e a realidade* (1975), que relaciona o brincar com o desenvolvimento saudável das crianças a partir da interação, ou seja, ele defende que é no brincar que a criança se desenvolve e aprende. De modo similar, Froebel (1903, p. 22) defende que o brincar é expressão daquilo que há na alma da criança. Portanto, se é brincando que se aprende e se o brincar é expressão clara da ação pueril, o palhaço é uma eterna e intensa criança, afinal é aquele que brinca com tudo e por tudo.

Agora pensemos num professor que tem como recurso a brincadeira para sala de aula. Não se trata aqui de inserir apenas aspectos lúdicos e jogos diversos na sala. Isso até faz parte da prática, mas não é o essencial. De outro modo, também não se trata da brincadeira a todo custo, mas a brincadeira planejada, e inclusa como ferramenta ou recurso pedagógico que favoreça e some na sua prática diária. Não importa o conteúdo, o professor-palhaço brinca o tempo todo e, com isso, conquista e motiva os alunos que querem brincar também e aprendem interagindo. Assim como na brincadeira tudo é possível, “*vamos começar de novo? Vamos tentar outra vez?*” Perde-se o medo de errar e pode-se recomeçar. No brincar, há uma possibilidade bastante ampla de o professor usar a imaginação e a criatividade, tudo isso, como dissemos, sem o medo de errar, principalmente, por parte do aluno.

No nosso estágio, usamos a brincadeira numa aula de geografia, com o conteúdo sobre o vento. Vestido de palhaço, o professor era o dono do circo e queria saber que brincadeiras ele poderia fazer com o ar e com o vento. Mas ele precisaria ensinar ao seu “respeitável público” esses conceitos. Na tentativa de explicar o que era o vento, pensamos alguns brinquedos que normalmente podem estar associados ao vento, tais como o barco, o cata-vento, a bexiga que encontramos nas festas de aniversário e que, muitas vezes, são levadas pelo vento. Outrossim, usamos rimas - “*O vento é o ar em movimento!*” – e pedimos aos alunos que dessem outros exemplos de brinquedos ou de objetos que precisam de vento.

Sendo assim, a palhaçaria como recurso metodológico resgata e reforça a importância do brincar como potencializador da imaginação, da interação e da autenticidade entendida

como pensamento livre e autônomo. Vygotsky (1984, *apud* WAJSKOP, 2007) defende que é no brincar que a criança enxerga seus limites e vai além de sua idade, desenvolvendo sua consciência, aumentando o autoconhecimento, o raciocínio lógico e a inteligência, na medida em que se adapta às diversas formas do brincar. Veja-se, por exemplo, este relato sobre uma atividade em sala de aula, com recurso metodológico da palhaçaria:

O professor subia em cima de uma cadeira, bem no meio da sala, e pedia para que um por um subisse em uma cadeira, bem à sua frente. O restante o olhava fixamente enquanto ele ia articulando uma preparação para o número de adivinhação. Na verdade, a adivinhação tratava-se somente de um jogo de somas e subtrações constantes com numerais – uma sequência lógica que o fazia adivinhar sempre o resultado final. Apesar de simples, eles não conseguiam perceber tamanho engodo e se deliciavam tanto com as adivinhações como com o ritual de preparação para tal. Depois que já havia conquistado a confiança do grupo, trazia um novo número de adivinhação: a descoberta do nome de cada um, algo que seria bem simples caso o professor não tivesse contato com 19 turmas, sendo cada uma com a média de 25 alunos. Pois bem, pedia que um aluno subisse na cadeira, fechasse os olhos para que ele pudesse se concentrar, enquanto isso pedia que os outros alunos lhe soprassem o nome daquele que estava jogando. A turma, a partir da cumplicidade já estabelecida, chegava bem perto do professor, lhe contando o nome ao “pé do ouvido”. Assim que entendia, pedia que o outro jogador abrisse os olhos e, então, escutasse o nome que diria. Eles ficavam impressionados com o tal poder de adivinhação¹⁰. O jogo aconteceu durante a aula toda; os risos ecoavam pela sala, até que acabou o horário e as vozes soaram em uníssono: “Já acabou!” (CARVALHO FERREIRA; WUO, 2017, p. 101).

Quando o docente utiliza a palhaçaria como recurso metodológico, inclui a criança ativamente, no processo de ensino-aprendizagem e facilita o aprendizado rompendo com modelos engessados de sala de aula. O ensino com esse recurso tem a experiência facilitada na medida em que “quebra o gelo” da sala de aula. Há de se pontuar que a brincadeira proposta pelo professor-palhaço é um brincar dirigido e o ambiente, como defende Montessori (1984), deve favorecer esse brincar. Seja com formas geométricas, com danças, com recorte e colagem, até mesmo com a contação de histórias ou com uma exposição de conteúdo, o brincar pode revelar-se como fator facilitador da interação entre professor-alunos e, sobretudo, como fator que promove a participação ativa do aluno em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo partido do planejamento e da execução de atividade pedagógica com recurso metodológico da palhaçaria em nosso estágio supervisionado, pudemos observar como esse recurso requer um empenho do professor para usá-lo adequadamente: não se trata de usar uma fantasia, apenas, mas o objetivo é incorporar a prática como um resultado parcial de uma

jornada de autoconhecimento e autoaceitação que possa refletir numa dinâmica espontânea e autêntica.

Tendo utilizado tal recurso numa aula de geografia e com os apontamentos da literatura para o uso de maneira semelhante ou até com algumas diferenças nos cursos de artes e educação física, pudemos perceber como a prática palhacesca pode ser aplicada em diversos segmentos. Inclusive, como continuação ou desdobramento desta pesquisa, iremos buscar analisar as possibilidades de a prática ser destinada para o ensino médio e para o ensino superior, afinal, as dificuldades desses segmentos não são tão distantes daquelas do ensino infantil.

O professor que use a palhaçaria deve, portanto, descobri-la e incorporá-la, a ponto de que a máscara e a fantasia sejam opcionais. Isso não dispensa que o docente possa construir uma maquiagem, fantasia, brincadeiras e práticas pessoais que marquem sua atuação. Todavia, o percurso da pedagogia palhacesca possibilita ao professor a descoberta e o desenvolvimento de habilidades que são fundamentais para a sala de aula, tais como, boa comunicação, bom humor, entrosamento com a turma, franqueza e, sobretudo, a humildade de reconhecer que ele não é o dono de tudo, mas, pelo contrário, é um facilitador que possibilita que outros sujeitos possam também conhecer e desenvolver-se brincando, interagindo e participando ativamente do ambiente pedagógico e das atividades propostas.

A prática palhacesca não ousa ser usada o tempo inteiro. É um recurso e, como tal, deve ser estudado, planejado e, sobretudo, avaliado quanto aos resultados esperados no planejamento. O docente que se proponha a utilizar tal prática em sala de aula pode buscar por cursos de iniciação que são disponibilizados gratuitamente na internet ou, ainda, de maneira presencial, em algumas universidades do país ou escolas de palhaço disponíveis em algumas comunidades que prezam pelas atividades artísticas. A leitura de livros, artigos e relatos de experiência também podem contribuir para o aprimoramento da prática e a construção autoral de personagem palhacesco, performance e aspectos atitudinais.

Aprender e usar a prática palhacesca pode contribuir não apenas para a prática do professor em sala, mas também para sua construção humana, sua maneira de lidar com os outros professores e funcionários da escola, seus familiares, pais e, enfim, com todo o “Respeitável público” ao qual ele tenha que se dirigir na vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Tabus acerca do magistério. *In*: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 97-118.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: EDIPRO, 2020.

CARVALHO FERREIRA, Frederico de; WUO, Ana Elvira. Pedagogia palhacesca: a escola do só eu no ensino regular. **Conceição Conception**, v. 6, n. 1, p. 87-105, 2017.

CEDEI – Curso de Especialização em Docência em Educação Infantil. O clown como possibilidade de trabalho pedagógico no âmbito da educação infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 6, n. 2, 2016.

DE LA TAILLE, Y. **Humor e tristeza**: O direito de rir. Campinas (SP): Papirus Editora, 2014.

FROEBEL, Friedrich. **The education of man**. New York: D. Appleton, 1903.

LECOQ, Jacques. **Em busca de seu próprio clown**. Le Théâtre du gest. trad. Roberto Mallet. Paris: Ed. Bordas, 1987.

ROCHA, Ricardo Augusto. **Corpo, mimesis e imaginação**: o clown como possibilidade de trabalho pedagógico no âmbito da Educação Infantil. 2014. Monografia (Especialização) – CEDEI – Curso de Especialização em Docência em Educação Infantil, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SILVA, Marco Antônio da. **Por uma pedagogia do palhaço**: riso, corpo jogador, transgressão e inversão. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.48.2017.tde-14122016-151218. Acesso em: 26 jan. 2021.

SOUZA, Alberto Carlos de. Circo e educação: uma experiência de prática circense no espaço escolar. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 9, n. 13, p. 21-31, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. 21. ed. São Paulo: Libertad, 2010.

VENDRUSCOLO, Pereira; RAMOS, Cinthia. O circo na escola. **Motriz: Revista de Educação Física**, p. 729-737, 2009.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WUO, Ana Elvira. **Aprendiz de clown**: Abordagem processológica para iniciação à comicidade. São Paulo: Paco e Littera, 2019.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno; BRACCIALLI, Felipe de. Quando o nariz vermelho se encontra com a Educação Física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-20, 2020.